

# Substância gozante: subversão e resolução lacaniana na clínica e na cidade dos discursos<sup>1</sup>

---

Marcella Laboissière

## Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre o conceito de substância gozante, elaborado por Lacan em *O seminário, livro 20*, sua inscrição no campo clínico e discursivo, e o que a subversão e a resolução do conceito representam para o saber humano e psicanalítico. O conhecimento de ciência moderna, criado a partir de Descartes, e a cisão entre *res cogitans* e *res extensa* deixaram marcas indeléveis, mantiveram o corpo foracluído da ciência e criaram uma dicotomia discursiva. A íntima relação entre ciência e capitalismo é responsável por promover uma dupla rejeição — do sujeito e do gozo. Como efeito dessa aliança, Lacan, em 1966, um ano antes de designar a “criança generalizada”, destaca o aumento progressivo da “falha epistemossomática”, expressão que expõe o desnível epistêmico e o caráter disjuntivo entre saber e verdade, na qual o gozo se instala. A substância gozante, motivada pela lógica dos filósofos da Abadia de Port-Royal, foi o caminho encontrado por Lacan para subverter o modelo cartesiano — apontar que há outra forma de fazer ciência — e resolver o que nomeou como “erro sobre o ser”, na medida em que resgata e inclui o gozo no centro da experiência analítica e desterra o corpo do lugar do impossível. A proposta do artigo é refletir sobre “os sujeitos reduzidos a pedaços de corpos escrutinizados pelos discursos” e extrair as consequências do conceito de substância gozante, bem como pensar, a partir desse conceito, sobre o que é segregado e excluído do discurso, tal como a criança generalizada.

## Palavras-chave:

Lacan; Discurso da ciência; Discurso do capitalista;  
Substância gozante; Criança generalizada.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto do desdobramento de minha tese de doutorado, defendida em julho de 2024, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação da professora doutora Daniela Scheinkman, e foi apresentado na plenária de abertura do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil).

## ***Jouissante* substance: subversion and Lacanian resolution in the clinic and in the city of discourses**

### **Abstract**

This article reflects on the concept of *jouissante* substance, elaborated by Lacan in *The Seminar, Book 20*, its inscription in the clinical and discursive field, and the subversion and resolution of the concept represent for human and psychoanalytic knowledge. The knowledge of modern science, created by Descartes, and the split between *res cogitans* and *res extensa*, left indelible marks, kept the body foreclosed from science and created a discursive dichotomy. The intimate relationship between science and capitalism is responsible for promoting a double rejection — of the subject and of *jouissance*. As an effect of this alliance, Lacan, in 1966, a year before designating the “generalised child”, highlights the progressive increase in the “epistemosomal fault”, an expression that exposes the epistemic gap and the disjunctive character between knowledge and truth, in which *jouissance* is installed. The *jouissante* substance, motivated by the logic of the philosophers of the Abbey of Port-Royal, was the path Lacan found to subvert the Cartesian model — to point out that there is another way of doing science — and to resolve what he called the “error about being”, insofar as it rescues and includes *jouissance* at the center of the analytical experience and banishes the body from the place of the impossible. The purpose of the article is to reflect on “subjects reduced to pieces of bodies scrutinised by discourses” and extract the consequences of the *jouissante* substance, as well as think, based on this concept, about what is segregated and excluded from discourse, such as the generalized child.

### **Keywords:**

Lacan; Discourse of science; Discourse of the capitalist;  
*Jouissante* substance; Generalised child.

## **Sustancia gozante: subversión y resolución lacaniana en la clínica y en la ciudad de los discursos**

### **Resumen**

Este artículo reflexiona sobre el concepto de sustancia gozante, elaborado por Lacan en *El Seminario, Libro 20*, su inscripción en el campo clínico y discursivo, y lo que la subversión y la resolución del concepto representan para el saber humano y psicoanalítico. El saber de la ciencia moderna, creado por Descartes, y la escisión entre *res cogitans* y *res extensa*, dejaron marcas indelebles, mantuvieron el cuerpo fuera de la ciencia y crearon una dicotomía discursiva. La íntima relación entre

ciencia y capitalismo es responsable de promover un doble rechazo: del sujeto y del goce. Como efecto de esta alianza, Lacan, en 1966, un año antes de designar al “niño generalizado”, destaca el progresivo aumento de la “falla epistemosomática”, expresión que expone la brecha epistémica y el carácter disyuntivo entre saber y verdad, en el que se instala el goce. La sustancia gozante, motivada por la lógica de los filósofos de la Abadía de Port-Royal, fue la vía que Lacan encontró para subvertir el modelo cartesiano — señalar que hay otra manera de hacer ciencia — y resolver lo que llamó el “error sobre el ser”, en tanto rescata e incluye al goce en el centro de la experiencia analítica y destierra al cuerpo del lugar de lo imposible. El propósito del artículo es reflexionar sobre “los sujetos reducidos a pedazos de cuerpos escrutados por los discursos” y extraer las consecuencias del concepto de sustancia gozante, así como pensar, a partir de este concepto, en lo que queda segregado y excluido del discurso, como por ejemplo el niño generalizado.

### **Palabras clave:**

Lacan; Discurso de la ciencia; Discurso del capitalista;  
Sustancia gozante; Niño generalizado.

## **Substance jouissante : subversion et résolution lacanienne dans la clinique et dans la cité des discours**

### **Résumé**

Cet article réfléchit sur le concept de substance jouissante, élaboré par Lacan dans *Le Séminaire, livre 20*, son inscription dans le champ clinique et discursif, et ce que la subversion et la résolution du concept représentent pour le savoir humain et psychanalytique. Le savoir de la science moderne, créé par Descartes, et la scission entre *res cogitans* et *res extensa*, ont laissé des traces indélébiles, ont maintenu le corps forclus de la science et ont créé une dichotomie discursive. La relation intime entre la science et le capitalisme est responsable de la promotion d’un double rejet — du sujet et de la jouissance. Comme effet de cette alliance, Lacan, en 1966, un an avant de désigner « l’enfant généralisé », met en évidence l’accroissement progressif de la « faille épistemosomatique », expression qui expose l’écart épistémique et le caractère disjonctif entre savoir et vérité, dans lequel s’installe la jouissance. La substance jouissante, motivée par la logique des philosophes de l’Abbaye de Port-Royal, est la voie que Lacan a trouvée pour subvertir le modèle cartésien — pour indiquer qu’il y a une autre façon de faire de la science — et pour résoudre ce qu’il appelle l’« erreur sur l’être », dans la mesure où elle sauve et inclut la jouissance au centre de l’expérience analytique et bannit le corps de la place de l’impossible. L’objectif de l’article est de réfléchir sur « les sujets réduits à

des morceaux de corps scrutés par des discours » et extraire les conséquences du concept de substance jouissante, ainsi que réfléchir, à partir de ce concept, à ce qui est ségrégué et exclu du discours, comee l'enfant généralisé.

### **Mots-clés :**

Lacan ; Discours de la science ; Discours du capitaliste ;  
Substance jouissante ; Enfant généralisé.

Este artigo toma o conceito criado por Lacan no *Seminário 20*, substância gozante, como responsável por promover: 1) a subversão do modelo hegemônico de fazer ciência e 2) a resolução da separação mente-corpo. Isso significa que estamos considerando as regras metodológicas criadas por Descartes (1637/2004) como fundamento da ciência no Ocidente. O conceito de substância gozante foi uma das formas que Lacan encontrou para recolocar o gozo no centro do discurso analítico, na medida em que mantém o sujeito do inconsciente no lugar do Outro, apontando, assim, para uma experiência radical de escuta clínica, a escuta analítica. Desse modo, é a partir da substância gozante que propomos pensar sobre o que é segregado e excluído do discurso, tal como a criança generalizada, a relação do sujeito com seu gozo, seja adulto, seja criança, e o modo como o pacto existente entre ciência e capitalismo opera nessa direção.

O pensamento de Descartes é citado numerosas vezes ao longo do ensino de Lacan, principalmente no que diz respeito à epistemologia da psicanálise, acima de tudo, pela inferência da hipótese lacaniana sobre o sujeito cartesiano ser o sujeito da psicanálise. Em Descartes, existem duas substâncias distintas e irreduzíveis. A *res cogitans*, da ordem do pensamento em ato, e a *res extensa*, o corpo como matéria extensiva ao pensamento. O ato do *Cogito* — “Penso, logo existo” —, Lacan (1967-1968, p. 89) o nomeou como “erro sobre o ser”, ou seja, a extensão segregada do pensamento significando que o foracluído é o corpo, corpo que não pensa, cujo retorno se fará pela via do gozo, no real, como máquina.

É na lição de 19 de dezembro de 1972 que Lacan (1972-1973/2010) introduz a expressão substância gozante. A expressão utilizada, ao que tudo indica, seja pelo gozo, seja pelo conceito freudiano de pulsão, arrisco dizer, não propõe mais uma substância ao lado da pensante e da extensa, o que daria uma ideia de série, cadeia discursiva — pensante, extensa, gozante. Em psicanálise, qualificar a substância como gozante aponta para outro trabalho metodológico, diferente da mente ou do corpo, como referente. Na lição anterior, de 12 de dezembro de 1972, Lacan recorreu à lógica instituída pelos filósofos de Port-Royal para propor uma substância única em psicanálise, o que não significa dizer gozo único (Lacan 1972-

-1973/2010). Na lógica desses filósofos, a frase “o homem é”, por exemplo, é vazia, pois não comporta qualquer extensão ou adjetivo. Porém, na frase “o homem é branco”, percebemos uma qualidade atribuída ao homem. No entanto, ao isolar cada palavra, “homem” e “branco”, percebemos serem duas substâncias independentes, cada uma sustenta a si mesma. Na frase citada, porém, a segunda funciona como atributo da primeira, o que em linguagem aristotélica significaria designar a substância segunda em relação à primeira. Dessa relação, deve-se a importância do que chamamos de cadeia significante, ou a significação atribuída a cada significante a formar o discurso — articulação lógica própria da psicanálise e também característica da linguística de Saussure, na qual a imagem acústica (significante) é capaz de alterar seu conceito (significado).

O que importa aqui, na lógica de Port-Royal, é que, entre uma substância e outra, algo escapa, fato que não significa concluir serem excludentes entre si, como na lógica cartesiana, na qual só há existência se houver pensamento. Dizendo em linguagem matemática, trata-se de uma relação disjuntiva inclusiva, pois as substâncias são independentes ( $p$  ou  $(v) q$ ), porém têm uma relação de inclusão entre si, já que “o homem é” é uma expressão vazia de predicação. Para aqueles filósofos, nós nos atrapalhamos com a substância e seu predicado, isto é, o nome da substância e a ideia que a substância embute, e, com isso, algo escapa, tanto na substância quanto em seu predicado. Assim, há um furo de significação na substância e no predicado, além de uma impossibilidade de qualificá-la. Por esses motivos, Lacan recorre aos jansenistas para falar sobre amor e gozo, temas do seminário de 1972 e que faz a psicanalista Silvana Pessoa (2017, p. 103) perguntar: “Qual relação isso tem com o amor?”. A resposta que chegou com Lacan foi do amor como inapreensível e intraduzível, a lógica jansenista como aquela que perpassa as questões do amor, ou, como Caetano Veloso diz na letra da música “Tá combinado”: “...Então não fale nada, apague a estrada. Que seu caminhar já desenhou. Porque toda razão, toda palavra... vale nada quando chega o amor”. Não é todo combinado que vale para o amor, há um resto que resta, não-todo.

Já na lição de 12 de março de 1974, no *Seminário 21* — “Os não-tolos erram” —, Lacan afirma, de saída, que não é pela vida que ele discorrerá sobre o corpo, “já que a vida só a vemos em corpos que, depois de tudo, o que são? Coisas da ordem das bactérias, coisas que abundam, enfim, e rapidamente se tem três quilos quando se tinha um miligrama” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 168). Ele defende, então, a necessidade de falar sobre o gozo, “isso não falta. Isso sobra! O maravilhoso é que nada se sabe dele” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 168), e surpreende-se com o fato de não existir um discurso sobre ele.

Se fala de tudo o que se queira, de substância extensa, de substância pensante, mas a primeira ideia que poderia ocorrer, que se há algo que possa definir como o corpo (...) é que seja uma substância gozante, como é que ninguém jamais o enunciou? É a única coisa, fora de um mito, que é verdadeiramente acessível a experiência. Um corpo goza de si mesmo, goza bem ou mal, mas está claro que este gozo o introduz numa dialética (...). (Lacan, 1973-1974/2018, pp. 168-169)

Seguindo os caminhos propostos por Lacan a partir da lógica de Port-Royal, conclui-se que a substância serve para nós, analistas, como signo daquilo que não se apreende. A substância, a partir da gramática e da lógica de Port-Royal, não será mais a mesma, fato que não é sem efeitos para a psicanálise. Os substantivos são palavras que têm como raiz etimológica a substância, o que tem substância; eles são responsáveis por nomear e qualificar as coisas, e é justamente porque estão na linguagem que ganham algum sentido. Em Lacan, aquilo que vai substantivar a substância é o gozo; nele, a psicanálise se torna um campo único de saber.

Na medida em que a expressão substância gozante é cunhada sem o conectivo de ligação “e” ou “logo”, como em “Penso, logo existo”, ressaltamos a maneira como Lacan inclui o vazio de significação e a impossibilidade de qualificação. A substância gozante, com isso, não pode mais ser vista a partir da dualidade cartesiana, mas pela via do pulsional, como o que é acessível à experiência clínica, mesmo que de modo parcial.

O conhecimento de ciência moderna, criada a partir de Descartes, e a cisão entre *res cogitans* e *res extensa* deixaram marcas indeléveis, mantiveram o corpo foracluído da ciência, criaram uma dicotomia discursiva, e, a partir da íntima relação entre ciência e capitalismo, observamos a promoção da dupla rejeição — do sujeito e do gozo — e, conseqüentemente, o mal-estar descrito por Freud desde 1930. Como efeito dessa aliança, Lacan, em 1966, um ano antes de designar a “criança generalizada”, destaca o aumento progressivo da “falha epistemossomática” (Lacan, 1966/2001, p. 11), expressão que expõe o desnível epistêmico e o caráter disjuntivo entre saber e verdade, na qual o gozo se instala. O conceito de substância gozante, motivado pela lógica dos filósofos da Abadia de Port-Royal, foi o caminho encontrado por Lacan para subverter o modelo cartesiano — apontando que há outra forma de fazer ciência — e resolver o que nomeou “erro sobre o ser” (Lacan, 1967-1968, p. 89), na medida em que resgata e inclui o gozo no centro da experiência analítica e desterra o corpo do lugar do impossível. Ambas as expressões — falha epistemossomática e criança generalizada — convocam os analistas a pensarem sobre o que é segregado, excluído, “os sujeitos reduzidos a pedaços de corpos escrutinizados pelos discursos”, conforme Alberti (2024a) escreveu no primeiro prelúdio para o XXIV Encontro Nacional.

Sobre a expressão criança generalizada, nota-se a importância de mencionar que foi a expressão utilizada por Lacan (1968/2003, p. 367) no texto “Alocação sobre as psicoses da criança” para designar a posição de objeto em que a criança, e, por efeito, o adulto, visto que “não existe gente grande”, é colocada a partir dos discursos científico-mercadológicos. É da relação do sujeito com seu gozo que se trata, e aí o impasse que Lacan apontou na década de 1960, o qual verificamos ainda hoje, imprimir o dever de reposicionar nossa escuta analítica na medida em que temos instrumentos clínicos para operar com essa dupla exclusão — sujeito e gozo. Para isso, Lacan (1974/1993) precisava “ser ouvido”, como disse em *A terceira*. Em 1970, criou, portanto, o conceito de substância gozante, visto que, em psicanálise, o sujeito não tem substância, ele é definido “entre” dois significantes.

É preciso destacar, ainda, as palavras “subversão” e “resolução”, que aparecem no título deste artigo, pois se deve tomar bastante cuidado para não cair em equívocos quanto ao fato de o discurso da ciência estar ultrapassado, desusado ou insuficiente, para lembrar a passagem de Lacan (1956/1998, p.481) sobre as suficiências, uma vez que “meio apressadamente julgamos poder descartar”.

Subverter e resolver precisam caminhar na direção da ética da psicanálise, a ética do desejo, seja para o trabalho de análise pessoal, para as análises que conduzimos nos diversos dispositivos analíticos, como aquela que diz respeito à nossa formação como analistas de caráter sempre contínuo. A substância gozante, a meu ver, é uma resposta de Lacan para re(conceituar) o corpo, e, para isso, ele utilizou um significante bastante caro a Descartes: substância. Foi a resposta encontrada por Lacan ao promover uma torção no mesmo significante, incluindo o que foi exilado pela ciência: o gozo.

Aproximando-se da teoria dos discursos, Lacan coloca, também em meados da década de 1960, o discurso do mestre como aquele da instauração do inconsciente, como lembrou Andrea Fernandes na III Mesa Preparatória do XXIV Encontro Nacional, em 8 de setembro de 2024. Só ele nos dá alguma possibilidade de pensar a humanidade e a realidade compartilhada entre sujeito e mundo. Contudo, é somente a partir dos efeitos do discurso do analista que experimentamos em uma análise que os Outros os quais nos antecedem poderão ser furados. O que o discurso do analista propõe a partir do discurso do mestre é demonstrar “a impotência e a impossibilidade de cada um, para que nenhum deles se fixe, se imponha como laço social”, como escreveu Ida Freitas (2024), no texto de abertura do XXIV Encontro Nacional. Sonia Alberti, em uma de suas participações no Espaço Escola do Fórum-Brasília, afirmou que o discurso do analista precisa fazer furo no discurso do mestre e não se colocar de modo hegemônico. Só aí podemos afirmar, então, que o que a substância gozante e o discurso do analista agenciam é da ordem da subver-

são furada, não para destituir os outros discursos, mas para “des-formá-los” (Alberti, 2024b). Dessa maneira, a subversão e a resolução da substância gozante são articuladas ao modelo hegemônico de fazer ciência, e não à exclusão dele. É pelo *gradus*, pelo passo da diferença, que caminhamos em psicanálise (Lacan, 1967/2003).

Entre o discurso do mestre e o discurso do analista há, portanto, um *work in progress* propriamente do trabalho de análise, a passagem pelo discurso da histórica, no qual se espera a modificação da relação do sujeito com seu modo de gozo, travessia que pode resultar no operador desejo do analista. Dessa forma, para o analista topar sustentar o saber não sabido das marcas de seu inconsciente, é preciso que ele tenha passado pelo desejo de saber como analisante, como Quinet (2011, p. 148) afirma em *A descoberta do inconsciente*: “O analista é aquele que pode deixar de lado seu sintoma para se colocar a serviço do desejo de saber, o que é promovido pelo desejo do analista como operador lógico do tratamento do gozo pelo discurso do analista.”

Ainda na “Alocução sobre as psicoses da criança”, Lacan (1968/2003) assinala o gozo como medida ética, uma vez que o capitalismo prega o oposto, o gozo hegemônico e sem limites, e é a partir dessa indicação que problematizamos a substância gozante como medida de sustentação da castração e de originalidade do gozo singular de cada sujeito. Assim, o gozo — como única substância da psicanálise — não pode ser responsável por solucionar a separação entre mente e corpo como forma de amenizar a problemática imposta por Descartes; ora, a resolução encontrada com a criação do conceito de substância gozante é confiar em um campo de pesquisa e clínica que visa à mudança de posição do corpo em nossa cultura, dando o devido tratamento para o reconhecimento de haver um furo estrutural que sustenta o não saber de nossa prática e, ainda, operar a mudança na posição de cada falasser em relação a seu gozo, no um a um.

A psicanálise, principalmente a partir de Lacan, mantém viva sua própria forma de fazer ciência e pondera haver, borromeamente — real, simbólico e imaginário –, outro sistema epistemológico em curso. Se a psicanálise é ciência, que seja uma ciência da experiência do real, de *ex-sistência*.

Propomos pensar, então, que, para a ciência, *res cogitans* e *res extensa*. Para a psicanálise, a substância gozante.

Antes de finalizar e pegando carona no que chamei de subversão furada, trago o trecho de uma das poesias de meu conterrâneo Manoel de Barros, poeta pantaneiro que brinca de modo ímpar com as palavras. Como arte e psicanálise caminham juntas e são capazes de desvelarem o furo mais do que os outros discursos, proponho terminar com ela:

(...) a expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. Arte não tem pensa: o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Deus deu a forma. Os artistas des-formam. É preciso des-formar o mundo. (Barros, 1996)

## Referências bibliográficas

- Alberti, S. (2024a). A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos. In Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (Org.), *Anais do XXIV Encontro da EPFCL-Brasil* (pp. 5-7). Brasília: EPFCL-Brasil.
- Alberti, S. (2024b). Comunicação oral. Espaço Escola do Fórum Brasília.
- Barros, M. (1996). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record.
- Descartes, R. (2004). *Discurso do método*. Porto Alegre: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1637)
- Freitas, I. (2024). A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos. In Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (Org.), *Anais do XXIV Encontro da EPFCL-Brasil* (pp. 3-5). Brasília: EPFCL-Brasil.
- Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1993). *A terceira* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 459-490). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (2001). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, 32(10). (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968)
- Lacan, J. (2010). *Encore*. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2018). *Os não-tolos erram / Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Fi (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Pessoa, S. (2017). Algumas referências e reflexões sobre a lógica de Port-Royal a partir da exposição feita por François Recanati no seminário “Mais, ainda”. *Livro Zero: Revista de Psicanálise*, 8(1), 99-106. Recuperado de <https://campo-lacanianosp.com.br/wp-content/uploads/2021/01/Livro-Zero-08.pdf>

Quinet, A. (2011). *A descoberta do inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras.  
Velo, C. (1986). *Tá combinado*. Música gravada por Maria Bethânia e Gal Costa.

**Recebido:** 28/04/2024

**Aprovado:** 22/05/2024